

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO EDIFICAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	--	--	--	--	F30	--
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Comunidade Mbyá-Guarani em São Miguel Arcanjo
LOCALIDADE	São Miguel das Missões
MUNICÍPIO / UF	São Miguel das Missões/RS

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Tawa - Ita (pedra) + Avá (gente, humanidade) (ou ruínas da antiga aldeia)
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Ruínas, Ruínas de São Miguel, Sítio Arqueológico, Parque arqueológico, arquitetônico, paisagístico de São Miguel Arcanjo.
ENDEREÇO	Parque Arqueológico de São Miguel Arcanjo, Museu das Missões, cidade de São Miguel das Missões
PROPRIETÁRIO	Patrimônio Nacional sob guarda da União
AUTOR DO PROJETO	Missionários jesuítas do Período Colonial
CONDIÇÃO ATUAL	☐ ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA
CATEGORIA	☐ CIVIL ☐ MILITAR ☒ RELIGIOSA ☐ INSTITUCIONAL ☐ INDUSTRIAL ☐ COMEMORATIVA ☒ MOBILIÁRIO URBANO OU OBRA DE ARTE
ÉPOCA DA CONSTRUÇÃO	De 1687 a 1754
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombamento enquanto Patrimônio do Estado em 1925, em Patrimônio Nacional em 1938 e Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em 1983.

3. FOTOS**OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS LOCALIZADOS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.**

010 – Lanças e ruínas
519 – Mbyá entrando no Sítio, ruínas ao fundo 2
521 – Mbyá formando círculo nas ruínas
524 – Vista geral dos Mbyá entrando ao Sítio

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES

--

--

--

--

F30

--

4. DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA**4.1. AMBIÊNCIA**

Tawa é a palavra usada pelos *Mbyá-Guarani* para designar as ruínas de cada um dos Trinta Povos das Missões Jesuíticas, locais considerados muito importantes do ponto de vista espiritual, por serem grandes aldeias dos antigos Guarani, sítios tratados com respeito frente à obra e acúmulo de esforço e de sofrimento dedicados pelos indígenas na construção dos monumentos hoje arruinados.

Tawa é formada pela junção das palavras *ita* (pedra) e *Avá* (Gente, humanidade) e traduz a idéia da ação humana sobre as pedras e nas marcas deixadas nas construções edificadas em São Miguel Arcanjo pelos antigos Guarani. A idéia de *Tawa* tem uma importância mitológica para os *Mbyá*, pois as narrativas coletadas reiteram a interpretação de que os jesuítas chegaram depois que os Guarani já haviam iniciado a construir as Missões, recebendo os missionários como hóspedes de seus povoados em desenvolvimento.

Tawa designa o conjunto de remanescentes arqueológicos e arquitetônicos do antigo povoado de São Miguel Arcanjo, distribuídos na paisagem do Sítio em meio à vegetação tratada e emparelhada, surgindo enquanto blocos de pedra e outros artefatos aflorando do subsolo, milhares de vestígios do trabalho Guarani mal-compreendidos pelo senso comum como parte apenas da “obra jesuítica”.

É preciso descrever a ambiência das edificações em ruínas de uma cidade inteira, da primeira São Miguel, tendo em conta a perspectiva dos *Mbyá* que freqüentam o Parque, que circulam entre os blocos de pedra daquela que foi uma aldeia dos antigos Guarani. A idéia de *Tawa* resgata existência do imaginário atual dos *Mbyá* em torno às Missões Jesuíticas, relacionando a história com o capítulo descrito em sua mitologia sobre a importância dos heróis civilizadores *Kesuit*, seres dotados de poderes especiais que auxiliaram aos antigos Guarani em suas andanças pelo mundo, enfrentando as adversidades trazidas pela *Teko axy*, pelo mal-viver e pela aproximação do advento do fim desta terra imperfeita.

As estruturas das fundações resistem predominantemente no subsolo, evidenciando a reprodução local do plano urbano utilizado nos trinta povos jesuíticos criados nos séculos XVII e XVIII, composto de casas coletivas retangulares dispostas em forma de malha, definindo o arruamento entre elas (como quadras) e cada uma circundada por alpendre. As casas estavam dispostas a partir de três faces de uma praça central ampla. As ruínas do prédio da igreja destacam-se na paisagem, possuindo em torno dela os remanescentes das demais construções centrais do antigo povoado. As casas dos índios só podem ser reconhecidas pelo resto de suas fundações aflorando do solo e formando pequenas elevações do terreno, não identificadas pelos visitantes despreparados.

O sítio está distribuído em extensa área recoberta de vegetação rasteira, possuindo algumas árvores que ainda crescem sobre as estruturas arruinadas. O prédio do Museu das Missões possui posição privilegiada, permitindo a observação ampla da paisagem da região e também uma vista panorâmica da igreja e de suas estruturas periféricas. Hoje, todas paredes e muros do sítio estão estabilizados e acúmulos irregulares foram removidos para a parte posterior do sítio, permitindo o fácil acesso aos visitantes. Desde a entrada no parque, o visitante se depara com grandes obras feitas em blocos de pedra esculpidos posicionados de maneira a disponibilizar sua observação ao longo do caminho.

A cidade de São Miguel cresce no entorno do Parque Arqueológico e do Museu das Missões, convivendo com o sítio e sua paisagem. Foi resguardado legalmente o controle do processo de crescimento urbano nas áreas mais próximas ao sítio, a fim de não interferir na mirada do observador que esteja chegando em São Miguel ou daqueles que estejam dentro do sítio.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	--	--	--	--	F30	--
--	----	----	----	----	------------	----

4.2. CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS

Em se tratando dos remanescentes de um povoado missioneiro, existem construções efetuadas em diferentes momentos ao longo do seu tempo criação e de existência.

O povoado segue o padrão renascentista de projeto da cidade ideal, segundo o projeto de malha retangular constituindo quadras e arruamento, mas na versão adaptada ao Novo Mundo pelos missionários jesuítas desde a sua experiência com as missões no Peru (em Juli) do século XVI. São Miguel teve etapas sucessivas de evolução, passando por construções provisórias que foram substituídas aos poucos por materiais e equipamentos mais resistentes, passando da palha e barro ao uso de vigas de madeira e blocos de pedra.

Os remanescentes da igreja formam o monumento arquitetônico de maior visibilidade em São Miguel. Ela foi uma construção efetuada na fase final da história deste povoado, momento em que houve a aplicação de projeto arquitetônico segundo as tecnologias mais desenvolvidas para a época, reproduzindo localmente cópia alterada do projeto utilizado na construção da igreja de Jesus, em Roma. Ela levou dez anos para ser construída com paredes feitas em pedras arenito e itacuru, reproduzindo elementos barrocos. Sua planta baixa reproduz uma cruz, formada por três naves paralelas que ligam as entradas frontais da igreja aos altares, que eram interrompidas para formar um grande vão central sobre o qual foi projetada construção de uma grande cúpula compondo a união dos telhados.

A igreja de São Miguel possuía paredes projetadas para suportar o peso do telhado, explicando o porque das suas fundações chegarem a dezenas de metro de profundidade. A parede frontal ainda é monumental, com seus quase trinta metros de altura, revestida de peças de arenito esculpido formando nichos, marcos de portas e janelas e ornamentos de pilares. A torre também é um elemento que se destaca na construção, composta por três níveis de aberturas e janelas em todas as suas quatro faces, formando um panóptico. A igreja foi destruída e reconstruída ao menos duas vezes, o que é evidente pela descoberta de elementos heterogêneos e de diferentes etapas agregados na reconstrução de algumas de suas paredes e arcos internos. Suas paredes foram construídas com grande habilidade, a começar pela destreza do corte da pedra, afora as esculturas.

A igreja tinha em sua lateral oeste um grande pátio retangular onde se dispunha o cemitério original da Redução. Mais distante havia outro pátio retangular em torno do qual se distribuía cômodos formando o cotiguação, casa das viúvas e órfãos que hoje está bastante arruinado e coberto pela copa de árvores frondosas onde os *Mbyá* costumam descansar. No outro lado da igreja, havia dois outros conjuntos cômodos em torno de pátios retangulares; o primeiro, sendo o conjunto do colégio, do dormitório e refeitório/adega dos padres; o segundo, onde ficavam as oficinas e armazéns.

Todas essas características estão fartamente detalhadas numa grande quantidade de documentos que fazem parte do acervo do IPHAN no Rio Grande do Sul. O objetivo aqui é apenas fixar os elementos mais importantes, para compreender a ligação simbólica que os *Mbyá-Guarani* possuem com as "Ruínas Jesuíticas", que para eles é chamada *Tawa*.

4.3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Em se tratando de um sítio arqueológico e de um monumento composto de prédios arruinados, o estado de conservação da *Tawa* é muito bom. As estruturas arquitetônicas recebem intervenções de consolidação e restauração desde 1925, além da continua contenção da vegetação que cresce sobre as estruturas, aparelhamento paisagístico de percursos etc. Há uma equipe permanente de trabalhadores responsáveis pelos trabalhos de preservação do Parque, com atenção especial para a igreja e prédios colaterais.

O sítio arqueológico também está bem resguardado, na medida em que não há perigo de revolvimentos provocados aleatoriamente no subsolo e também pelo controle constante da vegetação, mantendo apenas gramíneas que não aprofundam suas raízes e não interferem nas camadas e vestígios existentes no solo. O maior problema é a conservação dos pisos cerâmicos originais dos cômodos do pátio do colégio, que estão expostos às variações climáticas diárias.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES

--

--

--

--

F30

--

4.4. BENS MÓVEIS E INTEGRADOS

A *Tawa* é composta por diversos maciços arquitetônicos arruinados e por estruturas arqueológicas no subsolo, estruturas imóveis em decomposição o que gera peças arquitetônicas deslocadas das paredes, algumas delas sendo verdadeiras obras de arte e de escultura. A coleta destas peças ornamentadas em pedra espalhadas pelo sítio gerou uma coleção, que está hoje exposta junto ao prédio do Museu.

Ainda se deve referir a existência de quase cem estátuas esculpidas em madeira que fazem parte da exposição de arte sacra no interior das salas do Museu. Tratam-se de imagens religiosas esculpidas pelos Guarani nos séculos XVII e XVIII, recolhidas pela região ao longo do século XX..

5 CRONOLOGIA

Data	Descrição
1925-27	São Miguel é reconhecido enquanto patrimônio do estado. Iniciaram-se os trabalhos de limpeza da vegetação e de conservação através da Diretoria de Terras, ligada à Secretaria do Estado e Obras Públicas.
1938	São Miguel é tombado enquanto Patrimônio Nacional
1945-1955	Realização Obras de conservação das estruturas arquitetônicas através do DPHAN
1955	Construção do prédio do Museu das Missões
1967-1970	Obras de conservação da ruína e restauro do telhado da Sacristia Velha
1974	Montagem do Espetáculo de Som e Luz
1981-1987	Constituição de equipe técnica de preservação em São Miguel através do SPHAN/FNPM, originando anos mais tarde o escritório técnico da Sub-Regional em São Miguel; família Mbyá acampa em frente à entrada do Sítio.
1983	São Miguel declarada Patrimônio da Humanidade
1986	Iniciam-se os trabalhos de investigação arqueológica em São Miguel, através do Projeto Arqueologia Histórica Missioneira
1989	Implantação de cerca de tela delimitando a área do Parque
1996	Famílias Mbyá acampam na cidade e voltam a frequentar a entrada do Parque
1997	Artesãos Mbyá são aceitos para exporem suas peças dentro do Parque
2000	Criação do Grupo de canto e dança dos Mbyá em São Miguel
2004	Início de execução do INRC com os Mbyá em São Miguel
2005	Construção de casa de Passagem dentro da área do Parque Arqueológico

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	--	--	--	--	F30	--
--	----	----	----	----	------------	----

6. SENTIDOS REFERENCIAIS

6.1. HISTÓRIA
A história de permanência dos <i>Mbyá-Guarani</i> no município está diretamente relacionada ao seu convívio com os remanescentes arquitetônicos das edificações de São Miguel Arcanjo. Ao menos, desde a década de 1970, há referências etnográficas sobre a circulação de famílias <i>Mbyá-Guarani</i> na localidade de São Miguel, então distrito de Santo Ângelo. O Sítio Arqueológico de São Miguel é um dos (chamados regionalmente) Sete Povos das Missões, criados e desenvolvidos durante o período de atuação colonial de missionários jesuítas espanhóis junto aos índios falantes da Língua Guarani na Banda Oriental do rio Uruguai, entre 1626 e 1768. Com a extinção da <i>Província Jesuítica do Paraguay</i>, os sete povoados - habitados por índio Guarani no território correspondente à região noroeste do atual Estado do Rio Grande do Sul (conhecida como Missões) - entraram em decadência acelerada depois dos tratados de limite entre os territórios coloniais de Portugal e Espanha e da Conquista Portuguesa da região em 1801. A população Guarani das Missões dispersou, fugindo, miscigenada ou tornada mão-de-obra camponesa (peões) do latifúndio pecuarista ou incorporada como força militar na consolidação das fronteiras coloniais e – após 1822 – da brasileira ao longo do século XIX. O povoado de São Miguel Arcanjo foi abandonado pelos índios, integrado enquanto “fundo de campo”, expressão regional que define área dentro de uma fazenda, mas afastada da “sede”, esta última uma área elevada onde há residências, benfeitorias e onde reside a família do proprietário e seus subalternos (escravos, índios e mestiços). Assim, ocorreu acelerada degradação das construções arquitetônicas, tomadas completamente pela vegetação, arruinadas e depositadas no solo, formando estrato com grande riqueza arqueológica. Depois de um grande período de abandono (durante todo o século XIX e as primeiras décadas do século XX), a grandiosidade dos remanescentes em pedra talhada da igreja, do pátio do colégio e dos artífices, da casa para viúvas e órfãs (<i>cotiguaçu</i>), do cemitério etc. não passaram despercebidas pelos habitantes da região. Assim como o ocorrido na Argentina e no Paraguai, constrói-se a categoria de “ruína”, em referência regional aos remanescentes arquitetônicos dos antigos povoados missioneiros de jesuítas com os índios guarani. Esta importância regional foi alçada à escala estadual em 1925-27, através da Secretaria de Obras Públicas do Rio Grande do Sul, que implementou iniciativa de preservação nas Ruínas de São Miguel, estabilizando paredes e arcos e suprimindo a vegetação de grande porte em crescimento sobre eles. Em 1938, consolida-se o reconhecimento nacional de São Miguel, através do tombamento federal realizado pelo então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (hoje instituto – IPHAN). Concomitante a essa ampliação no reconhecimento oficial de São Miguel como Patrimônio Histórico, Artístico e Arquitetônico, houve uma igual ampliação no interesse público pelas Ruínas. A consequência prática disso foi a crescente circulação de visitantes e turistas para conhecerem e apreciarem a monumentalidade da obra jesuítica e guarani existente em São Miguel. A ampliação no interesse público pelos remanescentes físicos do passado missioneiro existente em São Miguel é evidenciada pela construção do prédio do Museu das Missões em 1940 e pela reunião de uma grande coleção de esculturas em pedra e madeira colocadas à mostra para a observação dos visitantes. Desde o século XIX, as Missões permaneceram como referência intelectual em toda a Europa, visitada por viajantes, militares, comerciantes e muitos outros que publicaram seus registros sobre as ruínas e modos de vida da região. Não é de estranhar, portanto, que, em 1983, São Miguel fosse elevada à categoria de Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, o que fez crescer ainda mais a presença de turistas e estudiosos estrangeiros em circulação pela região. A referência sobre o passado missioneiro e sobre as Ruínas foi integrada no currículo de muitas escolas, aprendizado - via de regra - complementado pela visita ao Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo. Ao longo deste processo todo, os índios Guarani debandaram das Ruínas, embora muitos tenham permanecido na região vivendo marginais ao sistema de latifúndio que se implantou usurpando os antigos territórios indígenas e missioneiros. Essa população foi esquecida pelas políticas indigenistas brasileiras ao longo da história, porque considerada apenas como uma massa de posseiros ignorantes a merecer sua subordinação às relações de trabalho semi-servil, à margem e dentro do latifúndio pecuarista. Embora a região noroeste do Rio Grande do Sul seja caracterizada pela manifestação de um forte sentimento de atavismo missioneiro e guarani, tal fato não reverteu em qualquer iniciativa em prol dos descendentes dos guarani missioneiros. Isto explica que as Ruínas tenham se transformado em fator de orgulho na cultura local, mas entendidas enquanto patrimônio do passado e sem qualquer relação com os problemas sociais enfrentados pelos descendentes missioneiros. Constitui-se, assim, a invisibilidade étnica desses descendentes, considerados erroneamente como tendo desaparecido. É necessário considerar, em paralelo, a história recente dos <i>Mbyá-Guarani</i> no Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil. Os <i>Mbyá</i> são uma das parcialidades dialetais dos índios Guarani, sendo descendentes dos <i>Caáguas</i> e dos <i>Guarani Montes</i> identificados nos registros coloniais. Constituem os Guarani mais arraigados ao modo de vida adaptado aos

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES

--

--

--

--

F30

--

ambientes florestais da Região Platina. Protagonizam historicamente constantes deslocamentos distribuídos em grupos familiares semi-independentes, realizando rotas através das quais estacionam em acampamentos.

No Rio Grande do Sul, a presença *Mbyá* está registrada desde a década de 1930 na região de Santa Rosa, onde fixaram em acampamento continuamente reocupado. De lá, adentraram o Rio Grande do Sul através da Região das Missões e da Depressão Central do Estado, até chegar ao litoral atlântico e seguir para o norte em direção a Santa Catarina, Paraná e São Paulo. A presença dos *Mbyá* em São Miguel é registrada na década de 1970, quando houve acampamento de uma família indígena muito próximo às Ruínas, de onde foi obrigada a sair para ceder espaço à construção de um prédio onde funcionou um restaurante. Em 1982, um primeiro grupo *Mbyá* chegou a São Miguel, permanecendo acampado em um galpão próximo de onde atualmente se localiza a guarita de acesso ao Sítio Arqueológico. Ali ficaram por dezoito meses. Em 1994, famílias *Mbyá* circulavam pela região de Caibaté e Tupanciretã, quando a recém emancipada prefeitura de São Miguel recebeu de bom-grado o despejo de algumas delas (monitoradas pela Brigada Militar estadual) e as assentou na periferia da cidade, em terreno da prefeitura. Desde então, São Miguel tornou-se referência para os *Mbyá*, ponto de descanso aos índios em suas trajetórias de deslocamento. A itinerância é uma das mais eficazes estratégias de manutenção do modo de ser guarani, evitando sua assimilação completa pela sociedade regional dos quatro países.

Um dos mais fortes atrativos de São Miguel para os *Mbyá* é exatamente a crescente visitação turística na cidade e na região das antigas missões. Com isso, os índios contam com uma importante fonte de sobrevivência, obtendo recursos com a venda do seu artesanato tradicional. O artesanato tornou-se quase exclusivo na sobrevivência daquelas famílias acampadas em situação precária nas beiras das estradas e rodovias

No ano 2001, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul realizou a desapropriação para fins públicos de uma área de 237 hectares, transformada em Reserva Indígena do Inhacapetum, onde se criou o *Tekohá Koenjü*, hoje habitado por quase duzentos índios *Mbyá-Guarani*. Lá está sendo possível recriar o modo de vida tradicional guarani (*ñande rekó*), estimulando o cultivo e a realização de projetos destinados ao sustento indígena e a implementação local de políticas diferenciadas nos campos da educação, sustentabilidade e saúde. Mesmo assim, o artesanato ainda responde por parte importante do sustento das famílias *Mbyá* ali residentes, desempenhando também importante papel enquanto forte emblema de afirmação étnica destes índios em todos os locais por onde circulam.

É neste quadro que as Ruínas, a *Tawa São Miguel*, aparece como referência física fundamental no imaginário dos *Mbyá-Guarani* que residem no município e circulam pela cidade de São Miguel. O detalhamento do INRC permitirá aprofundar o entendimento cultural existente em torno das Ruínas para os *Mbyá-Guarani* ora contemplado por esta pesquisa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES

--

--

--

--

F30

--

6.2. Narrativas e representações

Anexo 2: Registros Audiovisuais – Gravação sonora nº 271

Reserva Indígena Inhamatã

Tekoá Koenju

Município de São Miguel das Missões/RS

Data: 03 de novembro de 2004

Entrevistadores: Cristian Ávila

Daniele Pires

Transcrito por: Daniele Pires

Entrevista gravada em áudio com Lino Casseres (*Verá Miri*). Lino já morou na cidade de São Miguel antes da aquisição da área do Inhamatã e atualmente mora no Passo Grande, no município de Barra do Ribeiro. Está na aldeia visitando Floriano Romeu que é seu parente (primo irmão).

D – Vamos conversar aqui com o Lino... Como é todo teu nome?

L – Lino Casseres e meu nome Mbyá é Verá Miri.

D – Quando foi a primeira vez que você veio a São Miguel?

L – A primeira vez que eu vim da Argentina, né, mas eu sou de Porto Xavier¹, mas eu sempre trabalhava na Argentina e aí em oitenta e dois eu vim pra cá, com outros parentes, meu pai também veio comigo, minha mãe, o Nuncio tava comigo, tava o Carlito Poku, que na nossa língua *Poku* é a pessoa alta, né. Mas naquela época morava o Carlito Poku ali em São Lourenço, fazer a Opy, né, em oitenta e dois.

D – Fez a Opy? Aonde?

L – Ali no São Lourenço das Missões. Ele fazia Opy, naquela época tinha Opy lá.

D – Ele construiu a Opy?

L – Ahã, o Carlito. Mas ele está morto agora. Mas naquela época, em oitenta e dois, nós moramos quase um ano e meio, em oitenta e três nasceu a criança a Maria Morinico, que mora lá na Granja Vargas agora, né, está morando lá. Maria Morinico, filha do Carlito Morinico, que morreu agora no Paraná. Daí, em oitenta e quatro nós fomos pra Porto Alegre, lá no Passo da Estância, Passo Grande. Ficamos lá, depois voltamos de novo pro Jaguarizinho ?

D – Aonde? Jaguarizinho?

L – É, Jaguarizinho, lá embaixo, lá perto do... passando Santiago. Em noventa e cinco fui pra passo Grande e até agora estou morando no Passo Grande. Mas estamos na beira da estrada.

C – Eu gostaria de saber, quando tu esteves aqui em São Miguel, tu estavas me dizendo ontem que tu esteve aqui em oitenta e dois, né? E onde foi que tu ficou em São Miguel em oitenta e dois?

L – Mas em oitenta e dois pousamos ali bem na frente do restaurante, era um restaurante naquela época e era uma parada de ônibus também, naquela época. Sempre o ônibus parava ali D – Os ônibus de turistas?

L – Ahã. De turistas e também de passageiros do ônibus. Mas naquela época não tinha muita casa de juruá, né, naquela época tinha criação de porco. Nós morava embaixo do galpão ali.

C – Esse galpão era de quem?

L – Não sei (...) deixou nós ir morar lá. Não sei quem é, não me lembro o nome.

C – E quantos guarani moravam ali?

L – Morava o Nuncio, que mora na Coxilha da Cruz agora, meu pai, minha mãe, o Mariano Morinico, tudo estavam na Opy. Naquela época o Carlito Poku, que nós chamamos, né, naquela época tinha Opy lá no São Lourenço.

C – Vocês construíram lá e saíram daqui...

L – Pra ir lá, ahã.

D – Porque construíram lá a Opy?

L – Mas porque aqui não dá pra construir, não tem material pra isso, taquara, a taquara mansa, que usa, né". (...)

¹ Lino contou-me que seus pais estavam em deslocamento entre uma aldeia e outra quando ele nasceu, de modo que Lino não nasceu em nenhuma aldeia Mbyá.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES

--

--

--

--

F30

--

6.3. USOS COTIDIANOS

O Parque Arqueológico de São Miguel é objeto de administração federal, através de equipe técnica de funcionários contratados para efetuar seu agenciamento enquanto área de proteção e de recepção ao público de visitantes. Todos os dias úteis, a equipe de operários realiza as tarefas no sítio, incluindo limpeza da vegetação, manutenção na consolidação das estruturas e eventuais intervenções na restauração de partes dos maciços arquitetônicos. Nos intervalos de trabalho, estes operários descansam no prédio que funciona como galpão de obras no fundo da quinta. Todos eles são moradores de São Miguel e convivem com todos os demais protagonistas que por ali circulam, conhecedores em detalhe das características dos elementos que compõe o sítio. De forma similar, a segurança é executada por vigias particulares, empregados de uma empresa de vigilância que foi contratada para trabalhar no guarda do referido Parque. Há também uma equipe de faxineiros, contratada para a limpeza das dependências do prédio da portaria, do alpendre e das salas de administração/cozinha/banheiro e de exposição do Museu das Missões, incluindo a remoção de pó das estatuas missioneiras expostas aos visitantes. Há, por fim, uma equipe de técnicos contratados para exercer cargos de direção, secretaria, portaria, planejamento e supervisão de execução de projetos de intervenção. Recentemente foi incorporado uma arquiteta à equipe local, que já contava com uma historiadora e arquitetos, além do constante rodízio de estagiários.

O Sítio é administrado por toda esta equipe e periodicamente é palco de reuniões técnicas aproveitando a passagem de especialistas em diversas ciências que visitam a região, seja por acaso, seja participando de eventos organizados pela direção do Museu e pelo IPHAN, pela prefeitura municipal ou pelo Governo do Estado etc. Nestas oportunidades, se fazem comemorações vespertinas ao final das seções de trabalho, confraternizando os participantes que observam o pôr de sol e esperam o início do espetáculo de Som e Luz, que ocorre todas as noites. A grande quantidade de pessoas envolvidas na administração dos elementos que estão agregados sobre o Sítio arqueológico e arquitetônico demonstra a complexidade de tratar de todos os modos de agenciamento, ainda mais quando se considera que a isso se somam as dezenas ou centenas de visitantes que circulam pelo espaço agenciado pelo Governo Federal, cada um deles fazendo seu próprio "agenciamento" do espaço protegido, temas que precisam ser pesquisados em maior detalhe.

Do ponto de vista deste Inventário, importante fixar os efeitos gerados pela administração e pela visita no Sítio desde a perspectiva "comunidade Mbyá", que ocupa e agencia os espaços de maneira própria e que interage com os diferentes públicos e especialistas que circulam entre eles. São Miguel tem sido palco da ocupação Mbyá desde meados da década de 1990, quando estes indígenas passaram a circular pelos remanescentes da antiga missão e foram aceitos dentro da área protegida à venda de seu artesanato.

Hoje os Mbyá agenciam o alpendre do Museu como espaço de convívio e lazer, enquanto esperam a chegada dos visitantes (os ônibus de turismo são vistos à distância). Em dias de sol, eles ficam no gramado a norte do Museu, as crianças rolando e correndo em jogos lúdicos. Os adultos Mbyá se preparam para o contato com o turista, fazendo o asseio pessoal e vestindo roupas e calçados bem limpos. As mulheres vestem saias rendadas e também vestem as crianças com roupas limpas, embora as roupas não perdurem nos corpos destas em dias de calor. No alpendre do Museu, os Mbyá convivem com as rotinas de limpeza, segurança e administração apenas observando e sendo observados. Há diálogos espontâneos com os funcionários e todos os tratam e respeitam muito bem.

O agenciamento Mbyá do alpendre do Museu é um bem cultural que precisa ser resguardado, porque é um espaço nobre do seu ponto de vista, conforme os depoimentos que nós colhemos. O principal agenciamento promovido pelos Mbyá no sítio é sua forma de ocupação do alpendre do Museu das Missões à espera de visitantes para efetuar a venda de seu artesanato. Os artesãos Mbyá ficam sentados reunidos em família, enquanto as crianças mais novas ficam brincando a rolar na grama e a correr entre os elementos arquitetônicos expostos junto ao prédio do museu. As peças de artesanato Mbyá são expostas diretamente no piso, distribuídas sobre um pedaço de tecido para livra-las da sujeira do chão. Mulheres e homens permanecem sentados ao lado de suas obras, a espera do interesse gerado por aqueles que chegam.

Enquanto os turistas não chegam, os membros de cada famílias Mbyá se revezam no cuidado com seu material exposto, indo e vindo até o bar onde fazem refeições na cidade ou então até a casa de passagem localizada atrás do Sítio. Nos dias de mais intenso calor de verão, os Mbyá costumam se abrigar embaixo da copa das grandes árvores que existem em pontos diversos do Parque. A intensa circulação dos Mbyá chegou a criar um carreiro em meio à grama, passando pelo vão da tela a leste do prédio do Museu.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES

--

--

--

--

F30

--

Outro antigo agenciamento do Sítio pelos Mbyá é o uso de espaço abrigado para pernoitar na cidade, já que é impossível voltar todas as tardes para a *Tekoá Koenju*. Até o ano de 2005, as famílias Mbyá ocupavam o interior de antiga casa colonial luso-brasileira em ruínas no canto sudeste da quinta. Depois desta data, os Mbyá ganharam uma casa do Governo do Estado, construída ainda mais no canto do parque e ao lado de avenida da cidade, removendo-os da antiga construção que depois foi restaurada. Nesta restauração, foram construídos também mais dois módulos sanitários, um deles destinado aos Mbyá (ainda fora de operação). A referida cada de passagem já dispõe também de fiação elétrica, que ainda não foi ligada por falta de acerto a quem deve recair o pagamento da conta mensal

6.4. USOS CERIMONIAIS

Ocorre o agenciamento de diversas partes do sítio para as apresentações do coral de canto e dança mantido pelos Mbyá da *Tekoá Koenju*, motivo de júbilo aos visitantes que as presenciam.

São apresentações realizadas a pedido de instituições públicas e privadas, geralmente acompanhando eventos científicos, técnicos e políticos, ou prestigiando eventos e datas importantes festejadas na cidade.

As apresentações ocorrem geralmente dentro da sacristia velha, em frente da igreja ou junto ao prédio Museu. Os Mbyá chegam vestidos de uniforme, as meninas de saia e os meninos com calças sem camisa, tendo suas faces e peito pintados com símbolos e carregando colares e pulseiras feitas de sementes e miçangas.

Há também três ou quatro músicos, tocando *Guitarra* (violão de cinco cordas), rebeca e às vezes surdo e pandeiro. As cantorias são regidas pelo cacique Floriano Romeu, que puxa o coro dos jovens e crianças que acompanham dançando passos cadenciados distinto para meninos e meninas.

Outra cerimônia importante realizada dentro do sítio é o fogo de chão mantido pelos Mbyá em seu acampamento na casa de passagem, fazendo reproduzir ali o centro da comensalidade da vida Mbyá, daqueles que estão afastados da aldeia para obter recursos ou fazer uso dos recursos institucionais disponibilizados na cidade de São Miguel.

7. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO					
Parque Arqueológico	Anexo de bens culturais: A3.1 N° 03					
	Ficha de Identificação de bens:					
	RS	01	01	06	F50	01
Jerojy	Anexo de bens culturais: A3.1 N° 03					
	Ficha de Identificação de bens:					
	RS	01	01	06	F40	01
Ayvu	Anexo de bens culturais: A3.5 N° 02					

8. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	--	--	--	--	F30	--
--	----	----	----	----	------------	----

9. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

9.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL
AVÉ-LALLEMANT, Robert 1980 - <i>Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)</i>. Belo Horizonte:Ed. Itatiaia / São Paulo: EDUSP. CLASTRES, Hélène. 1978 - <i>Terra sem Mal: o profetismo Tupi-Guarani</i>. São Paulo: Brasiliense. DOMINGUES, Moacir 1981 - "A conquista das Missões: um enigma histórico". <i>Anais do I Simpósio Nacional de Estudos KERN</i>, Arno Alvarez 1982 - <i>Missões uma utopia política</i>. Porto Alegre: Mercado Aberto. Missioneiros. Santa Rosa: Faculdade Dom Bosco, pp. 61-74. GUTIERREZ, Ramon 1987 - <i>As Missões Jesuíticas dos Guaranis</i> (bilingue). Rio de Janeiro: UNESCO-SPHAN/FNPM. MELIÁ, Bartomeu S.J. 1984 - <i>O índio no Rio grande do Sul</i>. Frederico Westphalen: Coordenação de Pastoral Indígena. 1986 - <i>El Guaraní conquistado e reducido</i>. Asunción: Assunção: CEADUC, Universidad Católica N.S. de la Asunción. MÖRNER, Magnus 1985 - <i>Actividades políticas y economicas de los jesuitas en el Rio de la Plata</i>. Buenos Aires: Hispanamérica. NEUMANN, Eduardo 1996 - <i>O trabalho guarani missioneiro no rio da Prata colonial, 1640-1750</i>. Porto Alegre: Martins Livreiro. PORTO, Aurélio. 1954a - <i>História das Missões Orientais do Uruguai</i>. Vol.1.Porto Alegre:Selbach, v. III e IV. 1954b - <i>História das Missões Orientais do Uruguai</i>. Vol.2.Porto Alegre:Selbach, v. III e IV. RAMBO, Pe. Balduino SJ. 1947 - "Os índios do Rio Grande do Sul Moderno". <i>Província de São Pedro</i>. Porto Alegre, n. 10:81-88. RUSCHEL, Ruy Ruben -s/d - <i>Presença platina na formação de Torres</i>. Comunicação no Encontro e História e Geografia do Prata (mimeografado). 1994 - "O direito de propriedade dos índios missioneiros". <i>Veritas</i>. Porto Alegre: PUC, v.39, número 153, p.103-116. SAINT-HILAIRE, Auguste de 1987 - <i>Viagem ao Rio Grande do Sul</i>. Porto Alegre: ERUS. SANTOS, Júlio R. Quevedo (org.) 1989 - "As missões jesuítico-guaranis nas crônicas dos primeiros conquistadores luso-brasileiros do Rio Grande do Sul". In: <i>Estudos ibero-americanos</i>. Porto Alegre:PUCRS, v.XV, n.1, p. 271-284. SCHMITZ, Pedro Ignácio 1979 - "O Guaraní no Rio Grande do Sul: a colonização de mato e as frentes de expansão". <i>Anais dos III Simpósios Nacionais de Estudos Missioneiros</i>. Santa Rosa:Faculdade Dom Bosco, p.55-74. VENZON, Rodrigo A. 1991a - "Os Guaraní Missioneiro: incorporação e sobrevivência". In: <i>Terra Indígena do RS</i>. Porto Alegre, mimeografado.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	--	--	--	--	F30	--
--	----	----	----	----	------------	----

9.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS
Anexo 2: Registros Audiovisuais – Vídeos: FITA 04 – Seminário “Um olhar para as comunidades Guarani” nov/ dez 2004 FITA 05 – Seminário “Um olhar para as comunidades Guarani” nov/ dez 2004 – Palestra Meliá

9.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS
Anexo 2: Registros Audiovisuais – 1.Fotografias e artes visuais nºs: 148, 149, 150, 151, 154, 507, 508, 509, 510.

10. OBSERVAÇÕES

10.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO
Há a necessidade de complementar informações sobre as Referências Culturais, efetuando estudos futuros sobre as representações e sobre a mitologia <i>Mbyá</i> em torno da <i>Tawa</i> São Miguel, a fim de complementar com dados culturais o processo de tombamento já efetuado de reconhecimento de São Miguel enquanto Patrimônio da Humanidade

10.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA
Os outros bens mencionados nesta ficha já possuem processo próprio de tombamento através do Museu das Missões

10.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES
Sem observações

11. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Não foram utilizados questionários para o levantamento dos dados para preenchimento desta ficha.		
PESQUISADOR(ES)	Carlos Eduardo de Moraes, Daniele de Menezes Pires, José Otávio Catafesto		
SUPERVISOR	José Otávio Catafesto de Souza		
REDATOR	José Otávio Catafesto de Souza	DATA 11/09/2006	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Beatriz Muniz Freire		